



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 17/12/2021 a 10/02/2022

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

| | GRÃO SOJA (US\$/bushel) | FARELO SOJA (US\$/ton. curta) | ÓLEO SOJA (cents/libra peso) | TRIGO (US\$/bushel) | MILHO (US\$/bushel) |
|-------------------|----------------------------|----------------------------------|---------------------------------|------------------------|------------------------|
| 04/02/2022 | 15,53 | 443,90 | 65,36 | 7,63 | 6,20 |
| 07/02/2022 | 15,81 | 452,80 | 65,34 | 7,68 | 6,35 |
| 08/02/2022 | 15,69 | 454,10 | 63,35 | 7,78 | 6,32 |
| 09/02/2022 | 15,94 | 461,90 | 64,10 | 7,85 | 6,46 |
| 10/02/2022 | 15,74 | 454,00 | 64,51 | 7,71 | 6,41 |
| Média | 15,74 | 453,34 | 64,53 | 7,73 | 6,35 |

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

| SOJA | | |
|---------------------|--------|-----|
| RS – Panambi | 191,00 | |
| RS – Não Me Toque | 191,00 | |
| RS – Londrina | 186,00 | |
| PR – Cascavel | 185,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 170,00 | |
| MS – Maracaju | 185,00 | |
| GO - Rio Verde | 181,00 | |
| BA – L.E.Magalhães | 181,00 | |
| MILHO(**) | | |
| Porto de Santos | 84,00 | CIF |
| Porto de Paranaguá | 95,00 | CIF |
| Porto de Rio Grande | S/C | |
| RS – Panambi | 94,00 | |
| SC – Rio do Sul | 96,00 | |
| PR – Cascavel | 94,00 | |
| PR – Londrina | 93,00 | |
| MT – C.N.Parecis | 75,00 | |
| MS – Maracaju | 86,00 | |
| SP – Itapetininga | 96,00 | |
| SP – Campinas | 97,00 | CIF |
| GO – Rio Verde | 86,00 | |
| GO – Jataí | 86,00 | |
| TRIGO (**) | | |
| RS – Panambi | 85,00 | |
| RS – Não Me Toque | 85,00 | |
| PR – Londrina | 88,00 | |
| PR – Cascavel | 92,00 | |

Período: 09/02/2022

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 11/02/2022**

| Produto | milho (saco 60 Kg) | soja (saco 60 Kg) | trigo (saco 60 Kg) |
|---------|-----------------------|----------------------|-----------------------|
| R\$ | 94,93 | 190,81 | 85,26 |

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
11/02/2022**

| Produto | |
|---|--------|
| Arroz em casca (saco 50 Kg) | 65,25 |
| Feijão (saco 60 Kg) | 274,72 |
| Sorgo (saco 60 Kg) | 69,50 |
| Suíno tipo carne (Kg vivo) | 5,39 |
| Leite (litro) cota-consumo (valor líquido) | 1,91** |
| Boi gordo (Kg vivo)* | 11,01 |

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/22 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Entre os dias 16 de dezembro passado, quando de nosso último comentário antes do recesso de final de ano e das férias, até o 10 de fevereiro, o mercado da soja sofreu mudanças expressivas. E o principal motivo está sendo a violenta seca que se abate sobre as regiões produtoras do sul da América do Sul, atingindo o centro-sul brasileiro, a Argentina e o Paraguai em particular. Enquanto isso, no centro-norte brasileiro enchentes significativas igualmente trouxeram preocupações.

No somatório deste processo, a safra de soja ficou comprometida na região. Atualmente, enquanto a seca continua, apesar de breves momentos de chuvas ainda de pouco volume e muito mal distribuídas, na média, temos o seguinte: iniciamos o plantio da soja, desta safra 2021/22, com expectativa de área semeada recorde, assim como sua produção final. Neste último caso, os números projetados giravam entre 142 e 144 milhões de toneladas para o Brasil, e de 19 a 20 milhões para o Rio Grande do Sul. Considerando a então realidade de Chicago, dos prêmios futuros nos portos brasileiros e o câmbio no país, tal panorama permitia projetar preços médios no Rio Grande do Sul entre R\$ 130,00 e R\$ 150,00/saco quando da colheita em 2022. Na melhor das hipóteses, manter o valor um pouco acima dos R\$ 150,00. Ou seja, um preço médio igual ou abaixo do praticado na colheita de 2021. Como o custo de produção, em função, especialmente, do câmbio, aumentou 52% para esta nova safra (cf. Fecoagro), não havendo expectativas de aumento de produtividade média, previa-se claramente uma redução de rentabilidade dos sojicultores nacionais em geral e gaúchos em particular. Infelizmente, o quadro piorou ainda mais nestes últimos 45 dias. As perdas devido ao clima, no Rio Grande do Sul, já estariam na casa dos 60% em muitas regiões (considerando também a qualidade do produto a ser colhido). Neste contexto, somente a produção brasileira da oleaginosa deverá perder cerca de 20 milhões de toneladas, devendo ficar entre 124 a 125 milhões de toneladas (este número poderá ser menor, pois a continuidade da seca – a pior que o sul do país vivencia desde 2005 pelo menos, continua a aumentar os prejuízos). Para a América do Sul, o USDA, em seu relatório deste mês de fevereiro, aponta um volume de 189,3 milhões de toneladas, contra 212 milhões na época do plantio da atual safra. Todavia, estes números estão ainda superestimados, e a colheita sul-americana tende a ser bem menor, ficando ao redor de 175 milhões de toneladas. Em isso se confirmando, teremos uma perda, em relação ao projetado inicialmente, de 37 milhões de toneladas (o equivalente a quase toda a safra esperada no Mato Grosso).

Diante de tal realidade, as cotações da soja em Chicago dispararam novamente, especialmente a partir de meados de janeiro, quando se consolidou que a seca iria mesmo causar prejuízos importantes na América do Sul. Desta forma, o bushel de soja, naquela Bolsa, sai de US\$ 12,77 no dia 16/12 (último comentário realizado por nós) para US\$ 15,94 neste último dia 09/02. Isso significa um aumento de 24,8% em menos de 45 dias úteis (na quinta-feira, dia 10/02, o bushel recuou para US\$ 15,74). Aliás, a cotação atual não era vista desde meados de maio do ano passado. Este comportamento foi acompanhado pelo farelo de soja, diante da quebra de safra na Argentina, fornecedor de quase 50% das exportações mundiais do subproduto. Com isso, o mesmo passou de US\$ 372,30 para US\$ 461,90/tonelada curta em Chicago, ganhando, no período, 24,1%. E o óleo de soja, puxado também pelas altas nos preços internacionais do petróleo, no período, ganhou 17,3%. Portanto, a seca na maior região

produtora de soja do mundo alterou completamente a tendência que se desenhava em meados de dezembro passado.

No Brasil, este quadro provocou uma elevação importante nos preços da oleaginosa, pois além da elevação dos valores do bushel, igualmente os prêmios nos portos nacionais subiram, diante da concreta possibilidade de não haver toda a soja esperada disponível para exportação em 2022. Assim, os mesmos chegam, agora, a valores entre US\$ 0,70 e US\$ 0,90/bushel, para o período entre março e maio do corrente ano, dobrando o valor que se tinha no final do ano passado para esta época. E os valores da soja no Brasil só não são maiores agora porque o câmbio recuou fortemente, até de maneira um tanto inesperada para a época, embora os alertas de que o Real brasileiro estava muito desvalorizado, pois devia ficar entre R\$ 4,50 e R\$ 4,80 por dólar já em meados de dezembro passado. Neste momento, a moeda nacional trabalha em torno de R\$ 5,23, freando as elevações no preço da soja.

Mesmo assim, a oleaginosa, que havia fechado em R\$ 161,49/saco na média da terceira semana de dezembro passado, subiu para R\$ 190,81/saco na média da corrente semana, no mercado gaúcho. Ou seja, um ganho de quase 30 reais por saco ou cerca de 18%. Algumas regiões, próximas do porto, estariam pagando R\$ 200,00. Nas demais praças nacionais, os preços da soja, no período, passam de R\$ 143,00-R\$ 160,00/saco para R\$ 170,00-R\$ 186,00, atualmente.

Infelizmente, como todos sabem, este aumento de preços, para a maioria dos produtores gaúchos e todos aqueles atingidos pela seca no país, está longe de ser suficiente para compensar os altos custos de produção, somados as grandes perdas devido ao clima. Desta forma, salvo exceções, no geral os produtores registrarão ainda menor rentabilidade. No caso do Rio Grande do Sul, a grande maioria deverá fechar a safra no vermelho, perdendo senão todos, boa parte dos ganhos obtidos na safra anterior. As primeiras lavouras colhidas no Noroeste gaúcho, neste momento, registram tão somente uma produtividade entre 5 a 7 sacos por hectare. Ou seja, não há preço que pague uma frustração de safra, especialmente uma do tamanho que o sul do país está vivendo.

Dito isso, neste período o USDA divulgou dois relatórios de oferta e demanda (janeiro e fevereiro). O último, neste dia 09/02, apontou, para 2021/22, uma safra mundial de soja em recuo para 363,9 milhões de toneladas, com estoques finais mundiais recuando para 92,8 milhões. Nos EUA, a safra colhida no final do ano passado foi mantida em 120,7 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais foram reduzidos para 8,8 milhões, contra 9,5 milhões indicados em janeiro. Além do forte recuo na produção sul-americana (ainda superestimada em nosso entender), o relatório trouxe um recuo de três milhões de toneladas nas importações de soja projetadas para a China neste ano comercial. As mesmas ficariam agora em 97 milhões de toneladas. Por enquanto o mercado não está considerando esta informação. O preço médio aos produtores estadunidenses subiu para US\$ 13,00/bushel para 2021/22, ainda bem acima do que atualmente vem sendo praticado em Chicago. Vale ainda destacar que a safra argentina pode ficar abaixo de 41 milhões de toneladas, enquanto o USDA ainda estima uma colheita de 45 milhões. Para o Brasil, projeta-se volume entre 124 e 125 milhões de toneladas, enquanto o USDA ainda indica 134 milhões. Ou seja, esta defasagem, além de levar a uma correção por parte do USDA, mantém a pressão altista sobre as cotações em Chicago.

Em termos conjunturais, temos ainda que o Paraná já colheu 15% de sua safra de soja, com a perspectiva de uma quebra total de 40% no volume a ser produzido em relação ao esperado inicialmente. Atualmente, das lavouras que faltam colher, 31% estão em condições ruins, contra 5% no mesmo período do ano passado. (cf. Deral) Já no Mato Grosso, onde não faltou chuva, com a colheita chegando a 47% da área, a previsão é de uma safra recorde de soja, com o volume final estimado em 39,5 milhões de toneladas, ou seja, 9% acima do colhido no ano anterior. A produtividade média ficará em 60,3 sacos/hectare, considerando que algumas regiões tiveram perdas devido ao excesso de umidade. (cf. Imea) Em termos gerais do Brasil, a colheita da soja chegava a 17,1% no início da presente semana, contra 10,3% na média histórica para esta época do ano. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

No mercado do milho, o cenário externo também registra movimento altista nas cotações em Chicago, no período dos últimos 45 dias, porém, em ritmo bem menor do que o da soja. O bushel, que estava em US\$ 5,91 no dia 16/12, passou a US\$ 6,46 no dia 09/10. Ou seja, um ganho de 9,3% no período.

O mercado está pouco considerando a quebra da safra de verão brasileira (mais uma). Tanto é verdade que o relatório de oferta e demanda do USDA, neste último dia 09/02, para o ano comercial 2021/22, apontou para uma safra mundial de 1,205 bilhão de toneladas e estoques finais mundiais em 302,2 milhões. Em ambos os casos, um recuo de pouco mais de um milhão de toneladas em relação a janeiro. A colheita dos EUA, finalizada em novembro, se manteve em 383,9 milhões de toneladas, enquanto o estoque final, igualmente foi mantido em 39,1 milhões naquele país. Já a safra brasileira foi reduzida em apenas um milhão de toneladas, ficando agora estimada em 114 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficou mantida em 54 milhões. Nos dois casos, em nosso entender, também superestimadas considerando a realidade climática existente nestes países sul-americanos. O preço médio ao produtor de milho dos EUA, para o corrente ano comercial, ficou sem alteração, em US\$ 5,45/bushel. Ou seja, pouco mais de um dólar abaixo do que Chicago vem, atualmente, praticando.

Por sua vez, na semana encerrada em 03 de fevereiro, os EUA embarcaram 1,05 milhão de toneladas de milho, ficando dentro das projeções do mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial atinge a 18,6 milhões de toneladas, volume este 14% abaixo do registrado em igual período do ano anterior.

No Brasil, o ano de 2022 iniciou com parte do mercado do milho brasileiro vivendo a continuação dos problemas enfrentados na oferta nacional do produto em 2021. Após a forte quebra na segunda safra (safrinha) do ano passado, mais uma vez o Centro-Sul brasileiro enfrenta prejuízos em sua safra de verão, especialmente no Rio Grande do Sul. Assim, além da forte alta nos custos de produção (no mercado gaúcho tais custos subiram mais de 50% em relação a safra anterior), o clima seco trouxe um acréscimo considerável de perda de rentabilidade aos produtores do cereal.

No final de janeiro, com a colheita de verão atingindo a 20% no Brasil e 50% no Rio Grande do Sul, a estimativa de produção recuava sensivelmente. Neste início de

fevereiro a mesma estava entre 20 e 22,7 milhões de toneladas para o Centro-Sul, com recuo entre 5 e 7 milhões em relação as projeções iniciais. No Rio Grande do Sul as perdas chegavam a 80%, havendo inclusive problemas nas lavouras irrigadas. E isso atinge tanto o milho grão quanto o milho silagem, estendendo os prejuízos para as atividades pecuárias. Com isso, o Estado gaúcho, tradicional importador do cereal, deverá dobrar o volume importado neste ano, com o mesmo podendo chegar entre 3 e 4 milhões de toneladas.

Embora esperando-se que a safrinha deste ano se recupere no país, levando a safra total a um aumento de 30% sobre o obtido em 2021 (a Conab projeta uma safra total em 113 milhões de toneladas, contra 87 milhões no ano anterior), a situação de oferta geral preocupa. Afinal, após as importantes perdas na safrinha passada, o Brasil tem indicativo de uma redução de 26% na atual safra de verão, lembrando que já havia tido perdas na safra de verão anterior (naquele ano o Rio Grande do Sul já havia perdido ao redor de 50% da safra). Desta forma, a escassez na oferta do cereal é preocupante.

Este fator está fazendo com que os preços do milho grão continuem subindo, particularmente no Estado gaúcho. Neste momento de fevereiro o preço médio está em R\$ 94,93/saco (em 16/12 esta média estava em R\$ 81,66/saco), enquanto no restante do país os mesmos estão entre R\$ 75,00 e R\$ 96,00/saco (em 16/12 estavam entre R\$ 65,00 e R\$ 85,00/saco). Assim, em relação ao início do plantio da atual safra de verão, tais preços representam um aumento médio de cerca de 16% nos Estados atingidos pela seca.

Por sua vez, nas regiões onde há excesso de chuvas, especialmente no Centro-Oeste e Sudeste, os preços do milho continuam estáveis e, em alguns casos, em recuo (em Campo Novo do Parecis-MT, por exemplo, entre o início de setembro e este início de fevereiro, o saco de milho passou de R\$ 78,00 para R\$ 75,00). Assim, contrariamente a soja, os prejuízos com o milho, neste momento, estão mais concentrados regionalmente, porém, se sobrepõem ao que já se perdeu no ano passado, gerando um somatório crescente de perdas que reduz os estoques, compromete o abastecimento interno, e atinge as exportações.

Hoje, a oferta adequada de milho no mercado nacional, está, mais do que nunca, na dependência de um sucesso na futura safrinha do cereal. E, mais uma vez, será preciso combinar com o clima para que isso ocorra. Neste cenário, os preços do cereal, pelo menos no sul do país, continuarão pressionados.

Dito isso, em termos mais conjunturais, no Paraná o milho safrinha apresenta 85% das lavouras em boas condições e 15% em médias condições. Já a safra de verão atingiu uma colheita de 19% da área, contra 10% no mesmo período do ano anterior. Este milho igualmente foi atingido pela seca, sendo que atualmente 24% das lavouras paranaenses estão em situação ruim. (cf. Deral)

Por outro lado, no Mato Grosso, pelo ritmo avançado na colheita da soja espera-se que o plantio do milho safrinha seja feito 94% da área dentro da janela considerada ideal. Estima-se uma produção de milho safrinha, neste Estado, em 40,4 milhões de toneladas, sendo ela 24% acima do registrado no frustrado ano anterior. A área de milho safrinha foi estimada em 6,3 milhões de hectares, com alta de 7,4% sobre o ano

anterior. Hoje, o plantio da safrinha no Mato Grosso chega a 42% da área esperada. (cf. Imea)

Enfim, em termos de exportação de milho, nos primeiros quatro dias úteis de fevereiro tem-se um volume de apenas 94.566 toneladas, o que representa 12,2% do total exportado em todo o mês de fevereiro de 2021. A média diária de embarques em fevereiro está 45,2% abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado. O preço da tonelada exportada subiu 24,8% em relação ao ano passado, atingindo agora a US\$ 272,00, contra US\$ 217,90 um ano antes. (cf. Secex)

MERCADO DO TRIGO

No mercado do trigo o quadro é diferente porque a realidade climática da América do Sul, no verão, não faz efeito, pelo menos por enquanto. Assim, em Chicago, o bushel do cereal ficou praticamente nos mesmos valores de meados de dezembro passado. Ou seja, em 16/12 o valor era de US\$ 7,70, enquanto no dia 10/02 o mesmo estava em US\$ 7,71, tendo chegado mesmo a US\$ 7,51 no início de fevereiro.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/02, pouco trouxe de novidades ao mercado do cereal. Para 2021/22 a safra dos EUA continua em 44,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais no país ficam em 17,6 milhões. No Brasil, a produção foi mantida em 7,7 milhões, enquanto na Argentina a mesma fica em 20,5 milhões de toneladas. Em termos mundiais o volume foi levemente reduzido, agora para 776,4 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficariam em 278,2 milhões de toneladas, com um recuo de 1,7 milhão sobre o indicado em janeiro. Enfim, o preço médio ao produtor de trigo dos EUA, para o corrente ano comercial, ficaria em US\$ 7,30/bushel.

Dito isso, na semana encerrada em 03/02 os EUA embarcaram 417.750 toneladas de trigo, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do ano comercial atual, os embarques estadunidenses chegam a 14 milhões de toneladas, ou seja, 18% abaixo do registrado em igual momento do ano anterior.

E no Brasil, os preços subiram mais um pouco entre dezembro e fevereiro. O saco do cereal, que estava na média gaúcha de R\$ 83,09 em 16/12, passou a R\$ 85,26 na média da corrente semana de fevereiro. No Paraná, no mesmo período, o produto se manteve entre R\$ 88,00 e R\$ 92,00/saco.

Na prática, a revalorização do Real nestes últimos dias, assim como a manutenção dos preços externos, pressionam para baixo os preços do trigo nacional. Todavia, a demanda continua firme, tanto interna quanto externa. Mesmo com a última safra resultando em 7,7 milhões de toneladas, há muito problema de qualidade em parte do produto colhido no país. Com isso, as importações brasileiras de trigo se mantêm elevadas, ultrapassando as 6 milhões de toneladas nos últimos 12 meses. Para o corrente ano o total a ser importado chegaria a 7 milhões de toneladas.

Enfim, nestas importações, a Argentina recuperou sua participação, tendo o vizinho país exportado 5,43 milhões de toneladas para o Brasil em 2021, com alta de 19%

sobre 2020. Com isso, a Argentina representou 87,3% do volume total importado em trigo pelo Brasil. Essa participação não era observada desde 2006. Lembrando que em 2014, devido a política de controle de exportação imposta pelo governo argentino, a participação do vizinho país nas importações brasileiras do cereal ficou em apenas 27%. Vale ainda destacar que no início do atual ano comercial 2021/22, o Brasil já adquiriu quase 500.000 toneladas do produto argentino, contra 210.000 em igual momento do ano comercial anterior.